

PEQUENAS PERGUNTAS, GRANDES QUESTÕES

[Página Inicial](#) > [Seção](#) > [Pequenas perguntas, grandes questões](#)

Como é feita a escolha dos nomes científicos?

Linne'



Carlos Lineu, o cientista que implementou a nomenclatura binomial. (Crédito: Wikimedia Commons)

Quem escolhe o nome científico de um novo organismo são os pesquisadores que o descrevem formalmente, em livros ou revistas especializadas, após concluírem que ele tem características que o diferem das demais espécies conhecidas. Mas os nomes científicos precisam seguir normas dos códigos internacionais de nomenclatura (CIN).

Atualmente, existem cinco códigos, cada um com suas peculiaridades. Eles se destinam à nomenclatura de: (1) bactérias; (2) animais e protozoários; (3) algas, fungos e plantas; (4) plantas cultivadas; e (5) vírus. Os três primeiros seguem a chamada 'nomenclatura binominal', ou seja, aquela formada por dois nomes: primeiro, o gênero (escrito com inicial maiúscula) e, depois, o nome específico ou epíteto específico (escrito apenas com letras minúsculas). Por exemplo: *Cyanopsitta spixii* (ararinha-azul), *Theobroma grandiflorum* (cupuaçu) e *Escherichia coli* (bactéria do trato intestinal). Eventualmente, pode ser aplicado um trinome para indicar subespécies, como em *Diceros bicornis minor* e *Diceros bicornis occidentalis*, duas subespécies de rinoceronte-negro.

No caso das plantas cultivadas, a regra básica é adicionar o nome do cultivar entre aspas simples após o nome científico da espécie, como em *Ananas comosus* 'Pérola', nome do abacaxi-pérola. Repare que os nomes científicos de gêneros, espécies e subespécies devem sempre ser escritos em destaque, seja em *itálico* (forma mais comum), **negrito**, ou sublinhado.

A nomenclatura dos vírus é bem diferente. Por exemplo, todo gênero deve conter o sufixo *-virus*, como em *Flavivirus*, gênero dos vírus da febre-amarela e dengue. Porém, o nome científico da espécie é completamente diferente e faz referência à doença causada, devendo estar em inglês e *itálico*. Assim, o nome científico do vírus da febre-amarela é *Yellow fever virus* e o da dengue é *Dengue virus*.

Tradicionalmente, os nomes científicos têm origem em palavras do latim (como *Canis*) ou do grego (como *Mycobacterium*), mas podem ser usadas palavras de qualquer língua. As indígenas são bastante adotadas, como *Manihot* (gênero da mandioca). Também se usam combinações arbitrárias de letras (como o gênero de caramujos *Zyzyx donta*), desde que sejam usadas apenas as letras do alfabeto latino básico, sem acentuação gráfica (til, acentos, cedilha etc).

O nome científico pode fazer referência a alguma característica morfológica do organismo ou à sua procedência. Pode também se basear em alguma divindade ou criatura mitológica, prestar homenagem a alguém (geralmente, a outro pesquisador ou a um familiar do descobridor), ou simplesmente não ter significado algum. Recentemente, tem sido comum dar nomes em homenagem a personalidades famosas (reais ou da ficção), o que atrai a atenção da mídia e do público em geral. Essa prática recebe críticas de alguns pesquisadores mais 'puristas', mas inegavelmente tem a vantagem de colocar a taxonomia sob holofotes e, quiçá, despertar o interesse de jovens pela profissão.

Henrique Caldeira Costa

*Programa de Pós-Graduação em Zoologia,
Universidade Federal de Minas Gerais*



Quais são as principais moedas virtuais e como funcionam?

A principal moeda virtual – ou criptomoeda – é, sem dúvida, o bitcoin. Trata-se de uma moeda eletrônica com protocolo de transferência peer-to-peer, ou seja, um tipo de dinheiro digital que não precisa de uma instituição financeira para ser movimentado. O histórico de todas as suas movimentações fica registrado em um banco de dados descentralizado, chamado blockchain. Uma cópia desse histórico é guardada em todos os chamados 'full nodes' dessa rede, o que a torna confiável.

O *blockchain* tem esse nome porque é composto por uma cadeia de blocos ligados uns aos outros. Cada um deles armazena uma pequena parcela dos registros das transações. Por isso, para que novas transações sejam validadas e reconhecidas pela rede, um novo bloco tem que ser anexado à cadeia. Os usuários responsáveis por esse processo são chamados mineradores. Eles checam a validade das novas transações, as reúnem em um bloco e tentam ligá-lo à *blockchain*, utilizando um protocolo projetado para a prevenção de ataques cibernéticos, conhecido como Proof of Work (PoW). Quando bem-sucedido, o minerador recebe uma recompensa fixa (atualmente, 12.5 BTC), além das taxas que os usuários, ao fazerem as transações, deixam à sua disposição. Dessa maneira, os mineradores têm incentivos suficientes para manter a funcionalidade da rede.

